



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação em Turismo

MEMORIAL DESCRITIVO DO GUIA PRÁTICO
“DESCOBRINDO FORMOSA”

Juliana Calaça Spíndola

Prof. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Brasília
2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação em Turismo

MEMORIAL DESCRITIVO DO GUIA PRÁTICO
“DESCOBRINDO FORMOSA”

Juliana Calça Spíndola

Prof. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito à obtenção do grau Bacharel e Turismo.

Brasília
2015

Spíndola, Juliana Calaça.

Memorial Descritivo do Guia Prático “Descobrimo Formosa”
Spíndola, Juliana Calaça - Brasília, 2015.

35 f. :il.

Monografia (graduação)- Universidade de Brasília, Centro de
Excelência em Turismo, 2015.

Orientadora: Prof. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação em Turismo

**MEMORIAL DESCRITIVO DO GUIA PRÁTICO
“DESCOBRINDO FORMOSA”**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo - CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Juliana Calaça Spíndola

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Iara Lucia Gomes Brasileiro – Orientadora

Prof. Dra. Karina e Silva Dias - Avaliadora interna

Prof. Dra. Ivany Câmara Neiva - Avaliadora externa

Prof. Mestre Tatiana Vieira Terra - Avaliadora Suplente

Brasília, julho de 2015.

Dedico este trabalho à minha família, ao
Centro de Excelência em Turismo (CET) da
Universidade de Brasília e à cidade de Formosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por todas as bênçãos que tem derramado em minha vida.

À prof. Dra. Iara Brasileiro, minha orientadora, por toda ajuda e por ter acreditado na minha ideia.

À minha família, que acompanhou toda a minha jornada e me deu todas as condições, apoio, e amor. Ao meu pai, Tim Spíndola e meu primo David Calaça que me cederam imagens lindas da cidade. À minha mãe por ter me acompanhado nos atrativos mais distantes. Ao meu irmão por me salvar com seu carregador e minha irmã pela paciência de aguentar dormir de luz acesa por tanto tempo. À minha prima Camila, que bondosamente me ajudou na confecção do guia.

Aos meus amigos, em especial a Karen pelas palavras encorajadoras e todas as conversas. À Jéssica por todo auxílio. À Thalita, que mesmo tão longe, me ajudou muito. Ao Vitor, por não me deixar desistir.

Aos entrevistados da cidade de Formosa, por separarem seu tempo para colaborar na construção do guia.

Ao Iran Vieira, que gentilmente cedeu o mapa de Formosa.

À Copiadora Central pela atenção e excelente trabalho.

Ao Centro de Excelência em Turismo (CET) e todos os colaboradores e docentes que me ensinaram tanto durante esses anos.

RESUMO

O turismo pode ser uma ferramenta de promoção na melhoria de vida de uma comunidade e, conseqüentemente, no desenvolvimento econômico. O município de Formosa/Goiás encontra-se, ainda, bastante dependente de Brasília, mas é possível que o fomento do turismo local possa mudar esse quadro. Formosa possui uma grande variedade de atrativos naturais e culturais, e hoje conta com uma estrutura de equipamentos turísticos capaz de receber os visitantes com qualidade e conforto. Infelizmente, não possui uma boa divulgação e nem um inventário satisfatórios dos atrativos, estabelecimentos de alimentos e bebidas e hospedagem. Este memorial trata da criação de um Guia Turístico da cidade de Formosa, elaborado como Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo da Universidade de Brasília. Os dados utilizados para a construção do produto foram obtidos por meio de documentação direta (bibliográfica e documental) e indireta (entrevistas e visitas).

PALAVRAS-CHAVE: Turismo - Formosa/GO - Guia Turístico.

ABSTRACT

Tourism can be a tool to improve a community's living standards by promoting economic development. The municipality of Formosa, Goiás remains dependent on Brasilia, however transforming the local tourism industry can change this situation. Formosa has a large variety of natural beauty and cultural heritage, and currently has a tourism infrastructure that can support tourists with quality and convenience. Unfortunately, there are no satisfactory publications of Formosa's attractions and facilities. This memorial is about the creation of a Tourist Guide for Formosa City, elaborated as a term paper for the University of Brasilia. The data collected for this paper was acquired through direct (bibliographic and documental) and indirect (interview and visits) documentation.

KEYWORDS: Tourism - Formosa/GO – Tourism Guide

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA: Área de Proteção Ambiental

CET: Centro de Excelência em Turismo

EXPOAGRO: Exposição Agropecuária

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN: Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional

MTur: Ministério do Turismo

OMT: Organização Mundial do Turismo

PIB: Produto Interno Bruto

UnB: Universidade de Brasília

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	IX
INTRODUÇÃO	11
1. Turismo	13
1.2 Segmentação do Turismo	15
1.2.1 Ecoturismo	17
1.2.2 Turismo de Aventura	18
1.2.3 Turismo Rural	19
1.2.4 Turismo Cultural	20
1.2.4.1 Turismo Arqueológico	21
1.2.4.2 Turismo Gastronômico	22
2 FORMOSA	22
2.1 Histórico e Caracterização da Cidade	22
2.2 Turismo em Formosa	25
4.1 Guia Turístico	29
4.1.1 O Que Fazer	30
4.1.2 Onde Comer	31
4.1.3 Onde Ficar	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A atividade turística tem papel importante no cenário atual. Pode ser utilizada como ferramenta de desenvolvimento da localidade, gerando assim, empregos, entrada de divisas, melhor distribuição de renda, aumento da visibilidade num cenário nacional e mundial, sendo imprescindível a participação e a colaboração mútua de atores privados e públicos.

A localidade selecionada foi a cidade de Formosa. Localizada no interior do estado de Goiás, a 79 Km da cidade de Brasília, possui inúmeros atrativos naturais e culturais.

A seleção do destino se deu em virtude de ser a cidade natal da pesquisadora, do potencial turístico que apresenta e do histórico passado do município como destino de moradores principalmente de Brasília que, antes, visitavam com frequência seus bares e restaurantes e seus atrativos naturais e culturais. No entanto, por algum motivo, essa procura foi ficando mais "discreta", com novo direcionamento do fluxo para outras localidades, como Pirenópolis, também em Goiás.

Inicialmente pensou-se em estudar essas modificações espaciais promovidas pelo turismo tanto na cidade como nos seus arredores, mas, por conta do tempo para o desenvolvimento do trabalho e por razões pessoais, como já informado, o estudo voltou-se para a elaboração de um Guia que pudesse mostrar ao público, a variedade de possibilidades de cultura e lazer em Formosa.

Espera-se contribuir de alguma forma com o fomento do turismo da cidade. Que o guia não fique apenas no papel, mas possa ser distribuído para a população formosense e, por que não? para as demais cidades brasileiras. Espera-se, ainda, que o Guia desencadeie maior visibilidade da cidade, além de despertar entre os empresários que atuam no município, a preocupação em manter os dados sempre atualizados (tanto dos panfletos distribuídos, quanto dos *sites*) promovendo um trabalho conjunto do poder público e iniciativa privada.

O objetivo geral, portanto, do trabalho, é a criação de um Guia turístico atualizado e amplo da cidade de Formosa, Goiás.

Tem-se como objetivos específicos:

- Identificar os atrativos naturais e culturais da cidade;
- Inventariar a oferta de hospedagens e estabelecimentos de alimentos e bebidas;
- Conhecer a história de Formosa e seu contexto.

Para isso, utilizou-se no trabalho da pesquisa exploratória e qualitativa. As informações foram obtidas de forma direta e indireta, com consulta a documentos e bibliografia e, também, de pesquisa de campo.

Este memorial descritivo está dividido em três capítulos. O primeiro traz conceitos sobre turismo e discorre sobre a segmentação e os tipos de turismo que a cidade pode promover. O segundo capítulo conta a história da cidade de Formosa e faz a contextualização, de maneira breve, da situação atual do turismo na localidade. Por último, apresentam-se as Considerações Finais e a Bibliografia.

1. Turismo

De acordo com Barreto (2003, p. 9) a primeira definição de turismo, teria sido proposta pelo economista austríaco Hermann Von Schullernzu Schattenhofen, que afirmou que o “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”.

O deslocamento, permanência e retorno ao local de morada são aspectos essenciais na definição da atividade turística. A Organização Mundial do Turismo (OMT) adota uma definição muito utilizada para estudo estatísticos, em que pressupõe um tempo máximo de permanência:

O Turismo compreende as atividade que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras. (OMT, 2002, p. 38)

Alguns autores delimitam também um tempo mínimo de estadia do turista no local visitado. Por exemplo, Luiz Gonzaga Godói Trigo caracteriza o turismo como “qualquer deslocamento que uma pessoa faz fora de sua residência por um prazo superior a vinte e quatro horas, desde que, naturalmente, não seja para trabalho prolongado nem trate de emigração”. (Trigo, 2001, p. 11)

John Urry (2001) descreve nove características mínimas do turismo, considerado por ele, como uma prática social. Para essa discussão, atem-se a seis pontos:

1. O turismo é uma atividade de lazer, que pressupõe (...) um trabalho regulamentado e organizado. (...);
2. Os relacionamentos turísticos surgem de um movimento das pessoas para várias destinações e sua permanência nelas. Isso envolve necessariamente alguma deslocação através do espaço (...);
3. A viagem e permanência se destinam a localidades fora dos lugares normais de residência e trabalho. Os períodos de residência em outros lugares são breves e de natureza temporária. (...);
4. Os lugares objeto de olhar se prendem a motivações que não estão diretamente ligadas ao trabalho remunerado (...);
6. Existe uma expectativa (...) envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. (...);
7. O olhar do turismo é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias.(...). (Urry, 2001, p. 17 e 18)

Fato é que o turismo, por estar inserido em diversas áreas, pode assumir um caráter mais econômico, ou geográfico, ou antropológico, por exemplo. Cada autor costuma defini-lo com base em sua área de estudo e/ou atuação. Lage e Milone, por exemplo, profissionais da área de ciências econômicas, o consideram uma atividade, prioritariamente, econômica.

O Turismo, na sociedade moderna, pode ser definido como um conjunto de diversas atividades econômicas incluindo transportes, hospedagens, agenciamento de viagens e práticas de lazer, além de outras ações mercadológicas que produzem riquezas e geram, empregos para muitas regiões e países” (Lage e Milone 1998, p. 30).

O turismo é, de fato, uma atividade capaz de gerar empregos, movimentação financeira e desenvolvimento econômico, como se pode notar em diversas cidades ou regiões que têm a atividade como sua principal fonte de renda.

Para ocorrer, o turismo precisa da oferta, definida por Lohmann (2008, p. 369) como sendo “todos os bens de serviços que estão à disposição dos consumidores-turistas, por um dado preço em um determinado período de tempo (...)” . Andrade (2003), inclusive, caracteriza o turismo como um “complexo de atividade e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento” (Andrade, 2003, p. 98).

Contudo, o turismo vai mais além, é preciso levar em consideração os impactos que causa. Para Jafar Jafari o turismo “é o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio cultural da área receptora”. (*apud* Beni, 2002, p. 36). Barretto (2003) traz uma definição mais ampla, proposta por Luis Fernández Fúster 1973:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (BARRETTO, 2003, p. 11)

Um conceito que cabe aqui acrescentar é o de Turista Cidadão. Foi construído por Susana Gastal e Marutschka Moesch em 2007 e apresentado na obra *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*. Trazem uma nova concepção de turismo, onde o indivíduo pode usufruir dos benefícios das viagens de lazer em seu próprio território. Segunda as autoras:

O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL, 2007, p. 11).

Assim, elas propõem que os moradores podem estabelecer novas relações com os espaços da própria cidade que residem. O deslocamento não precisa necessariamente ser para um local distante, basta que seja diferente de seu cotidiano.

1.2 Segmentação do Turismo

Ansarah e Netto (2010, p. 2) afirmam que a proposta de segmentar o mercado turístico é “identificar pessoas com afinidades e desejos semelhantes que estejam dispostas a consumir um mesmo produto”, independente do destino em questão.

A OMT (2007. P. 3) afirma:

De forma resumida, segmentação é a tentativa de localizar com precisão grupos de consumidores parecidos entre si, na busca para desenvolver e implementar programas de marketing especificamente destinado a suas necessidades (OMT, 2007: 3).

Valls (1996) afirma que a segmentação de mercado aparece para provar a individualidade e especificidade de cada pessoa. “A segmentação está baseada no fato de que os consumidores são heterogêneos quanto as suas necessidades e desejos.” Valls (1996, p.167). Um dos primeiros estudos sobre segmentação no Brasil foi realizado por Beatriz Lage, 1992. Trouxe o conceito de *typologie*:

Segmentação é bastante perto daquilo que os franceses chamam de ‘typologie’. Enquanto que a segmentação é um processo descendente (divide-se a população em grupos), a ‘typologie’ é um processo ascendente.

Nesse último caso, inicia-se o processo com os indivíduos, levando-os juntos para uma grande família ou grupo que apresenta características similares. Na realidade, a distinção entre a segmentação e 'typologie' é uma questão unicamente de método. (LAGE, 1992, p. 62).

Lage (1992) propõe cinco principais tipos de segmentação do mercado turístico baseado em características: geográficas, demográficas, psicográficas, econômicas e sociais. A segmentação geográfica é feita pelos atrativos naturais ou artificiais da região turística (sol, mar, fauna, flora). A segmentação demográfica é classificada, principalmente, por idade e ciclo de vida. Estas duas revelam as aspirações particulares de cada fase da vida (jovens, idosos, solteiros, casados). A segmentação psicográfica seria a motivação da viagem (descanso, lazer, prática de esportes, cultura, natureza). A segmentação econômica costuma se basear no nível de renda dos turistas (produtos sofisticados e luxuosos). E, por fim, a segmentação social que são as características capazes de afetar as experiências em viagens (educação, ocupação, estado familiar, estilo de vida).

O Ministério do Turismo (2006) organizou a atividade turística por segmentos, visando a facilitar o estudo, o planejamento, a gestão e a comercialização dos destinos turísticos. "Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda." (Marcos Conceituais, 2006, p. 03). De acordo com o MTur, os tipos de turismo são: Turismo Social, Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo Rural e Turismo de Saúde. A identidade de cada tipo de turismo é definida pela existência de um território de:

atividades, práticas e tradições (agropecuária, pesca, esporte, manifestações culturais, manifestações de fé); pelos aspectos e características (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais); pelos determinados serviços e infra-estrutura (de saúde, de educação, de eventos, de hospedagem, de lazer). (Marcos Conceituais, 2006, p. 03)

Conforme a segmentação turística proposta pelo Ministério do Turismo, são listados e caracterizados, a seguir, os tipos de turismo que podem ser realizados no Município de Formosa Goiás: Ecoturismo, Turismo de Aventura; Turismo Rural e Turismo Cultural. O último subdividido em: Turismo Arqueológico e Turismo Gastronômico.

1.2.1 Ecoturismo

A terminologia Ecoturismo no Brasil é relativamente recente - tomou força no final dos anos 1980. A preocupação com o aumento do lucro na economia acarretou no uso desenfreado e irresponsável dos recursos naturais. Foi nessa época que se começou a pensar no desenvolvimento aliado à sustentabilidade e conservação ambiental (MTur, 2010, p. 13). Assim, começava a se propagar o uso consciente e responsável das paisagens e ecossistemas.

A sustentabilidade visa a um desenvolvimento e crescimento econômico sem que haja dano para as gerações futuras. Sustentabilidade, assim, pode ser considerada como o ato de se utilizar o patrimônio natural e cultural de forma

ecologicamente suportável a longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a fragilidade que caracteriza muitas destinações turísticas. (MTur, 2010, p. 18)

A publicação *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo* (EMBRATUR e Ministério do Meio Ambiente, 1994) conceituou o Ecoturismo, chamado de “turismo ecológico” até então, como

um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

No entendimento do MTur, “o Ecoturismo possui entre seus princípios a conservação ambiental aliada ao envolvimento das comunidades locais, devendo ser desenvolvido sob os princípios da sustentabilidade, com base em referenciais teóricos e práticos, e no suporte legal.” (MTur, 2010, p. 11). As comunidade devem assumir papel de protagonistas do processo. Quanto à segmentação, é definida em função da motivação do visitante, do prestador de serviços e da comunidade.

A demanda pelo ecoturismo vem crescendo e é de extrema importância que fique bem claro que o objetivo principal não deve ser o lucro imediato. Campos (2005) discorre sobre a importância de se desenvolver a atividade turística baseada nos princípios do ecoturismo.

Refere-se, também, a empresários, governos e países que depositam suas fichas no ecoturismo para suprir desempregos e conseguir capital. Por isso a importância de uma gestão efetiva, que separe o ecoturismo do turismo de massa.

Carvalho (2004) alega que

Quando bem praticado, o ecoturismo pode ser uma alternativa sustentável de exploração e conservação dos recursos naturais dos destinos selecionados, oferece experiências únicas e autênticas ao turista, proporcionando uma vivência real como novas culturas e ambientes, além de oferecer ao mercado oportunidades de pequenas iniciativas locais, valorizando a especialização em determinados segmentos.

De acordo com o Ministério do Turismo (2010, p. 28, 29 e 30) as atividades praticadas no âmbito do Ecoturismo são: observação de fauna, observação de flora, observação de formações geológicas, visitas a cavernas (espeleoturismo), observação astronômica, mergulho livre, caminhadas e trilhas interpretativas. Algumas atividades que caracterizam outros segmentos, podem ser incluídas em roteiros desse segmento também: visita a comunidade anfitriãs, visitas a sítios arqueológicos, acampamentos em áreas naturais, visitas de instituições de ensino em ambientes naturais, caminhadas em propriedades rurais e atividades esportivas em ambientes naturais.

1.2.2 Turismo de Aventura

Essa prática teve início com um pequeno grupo de pessoas dispersas geograficamente, que começaram a realizar atividade na natureza e viram potencial nisso (MTur, 2010, p. 13). De acordo com o Ministério do Turismo (2010, p. 14) o “Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”.

No entendimento do Ministério do Turismo as principais atividades praticadas no segmento podem ser divididas em três grupos: as atividades na Terra, na Água e no Ar. As atividades na terra são: arborismo, *bungeejump*, cachoeirismo, canionismo, caminhada, caminhada sem pernoite/*hikking*, caminhada de longo curso, cavalgadas, cicloturismo, espeleonturismo, espeleonturismo vertical, escalada, montanhismo, turismo fora de estrada

com veículos 4x4 ou bugue e tirolesa. As atividades de água são: bóia cross, canoagem, *duck*, flutuação/*snorkelling*, *kitesurf*, mergulhos autônomo turístico, *rafting*, windsurfe. E, por fim, as atividades no ar: balonismo, paraquedismo e voo livre (asa delta ou parapente).

Quando se fala em Turismo de Aventura, existem três principais características a se levar em conta. A primeira delas é a diversidade, que é fundamental na concepção do segmento. Sua tendência é aumentar cada vez mais devido aos avanços tecnológicos dos equipamentos e do espírito aventureiro cada dia mais arraigado aos viajantes. Em seguida, a gestão de riscos, que é entender a importância da segurança na realização do turismo. Mesmo sabendo dos riscos materiais, psicológicos e físicos, nenhum turista espera ter que passar por nada disso. Por último, a participação e interação que o turismo de aventura proporciona aos grupos praticantes, estreitando uma relação positiva (MTur, 2010, p. 16, 17 e 18).

No entendimento de Swarbrooke citado por Guimarães (2005) o

Turismo de Aventura, vem sendo utilizado como uma espécie de válvula de escape por indivíduos que possuem atividades intensas e necessitam dispersar o grau de estresse acumulado com este cotidiano diário. Deste modo, é cada vez mais comum, por exemplo, a prática do Turismo de Aventura por empresas na expectativa de integrar funcionários e despertar o espírito de liderança nos colaboradores.

1.2.3 Turismo Rural

De acordo com o Ministério do Turismo (2010, p. 13) o marco inicial da prática do Turismo Rural no Brasil é a década de 1980. Em Santa Catarina surgiram as primeiras propriedades rurais que foram abertas para a visitação. Existe uma distinção entre Turismo no Espaço Rural e Turismo Rural. Adota-se como conceito de Turismo no Espaço Rural a denominação proposta por Campanhola e Graziano da Silva (citados por Ribeiro 2001, p. 31):

consiste de atividades de lazer realizadas no meio rural e abrange várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta como: turismo rural, ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural, turismo de negócio, turismo jovem, turismo social e turismo esportivo.

O Turismo Rural é definido pelo Ministério do Turismo (2010, p. 18) como “(...) conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio

cultural e natural da comunidade”. O que se percebe é uma valorização das peculiaridades do turismo rural. E ainda de acordo com a mesma fonte, a prática dessa atividade consiste nas atividades turísticas no meio rural (desde hospedagem e alimentação até entretenimento e receptivos); na valorização da ruralidade (paisagem, biodiversidade, modo de vida, cultura comunitária); no comprometimento com a produção agropecuária (representado por práticas sociais, ambiente, tradições, modo de vida, artesanato); na agregação de valor a produtos e serviços (vida campesina, manejo de criações, cultivo da terra, culinária, paisagem e manifestações culturais); e resgate e promoção do patrimônio cultural e natural (folclore, músicas, festas, costumes, arquitetura).

Sabbag, Silva e Savy (2004, p. 2) afirmam que a necessidade por descanso no mundo de hoje é imprescindível e que “o turismo rural se diferencia dos demais pelo ambiente acolhedor que ele proporciona. Em meio a uma crescente industrialização e urbanização, o ser humano necessita a cada dia estar em contato com suas origens”. Para Yázigi (1996) a paisagem é o resultado da soma entre o meio e os moradores locais. Ela deve ser de interesse primeiro dos habitantes e depois dos transeuntes. Visto que o “só numa relação de estima deles [moradores locais] com ela [a paisagem] é que despertará o interesse de transeuntes, visitantes e turistas”.

1.2.4 Turismo Cultural

De acordo com os *Marcos Conceituais do Turismo* do MTur (2006, p. 13) o “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. Os aspectos e características que envolvem seu significado são:

- A. As atividades turísticas, que são os equipamentos e serviços que podem introduzir as peculiaridades culturais (hospedagem, alimentação, eventos, transporte);
- B. A vivência cultural de experiências positivas, por meio de conhecimento, interpretação, valorização e participação;
- C. O patrimônio histórico e cultural e os eventos culturais. O primeiro deles subdividido em patrimônios materiais e imateriais. São exemplos de patrimônio material: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais. Quanto ao imaterial: música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas e celebrações. Os eventos

culturais são manifestações temporárias (eventos religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte e artesanato);

D. Valorização e promoção dos bens materiais e imateriais da cultura, difundindo o conhecimento e facilitando o acesso e usufruto. (MTur, 2010, p. 15, 16 e 17)

O Ministério do Turismo subdivide o Turismo Cultural em outros nove tipos: Cívico; Religioso; Místico e Esotérico; Étnico; Cinematográfico; Arqueológico; Gastronômico; Enoturismo; e Ferroviário. Vale lembrar que o Turismo Rural e o Turismo em Espaço Rural também fazem parte da construção e expressão cultural, mas o MTur as enquadra em um segmento próprio. No presente trabalho, serão caracterizados apenas o Turismo Arqueológico e Turismo Gastronômico.

1.2.4.1 Turismo Arqueológico

O Turismo Arqueológico surgiu como uma alternativa de mostrar à comunidade os resultados de pesquisas e achados arqueológicos. Glória Maria (2009) definiu o Turismo Arqueológico como um segmento

no qual ocorre o deslocamento voluntário e temporário de indivíduos, motivados pelo interesse ou desejo de conhecimento de aspectos pertinentes a culturas passadas, a locais onde se encontram vestígios materiais representativos de processo evolutivo do homem no planeta, deixados por sociedades pretéritas.

É uma prática capaz de resgatar e conhecer a cultura humana, bem como entender seu processo evolutivo. Conforme Scatamacchia (2005, p. 19) “a arqueologia é uma ciência social que estuda os antigos processos históricos a partir de vários tipos de vestígios deixados pelos homens”. As principais tipologias de sítios são as cavernas, arte rupestre, oficina, cerâmico, lítico, monumental, submerso, dentre outros (MTur, 2010, p. 24). Aqui no Brasil, a Lei nº 3.924/61 define e protege os sítios arqueológicos. Quanto ao tombamento, é responsabilidade do Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Essas áreas são extremamente frágeis e se expostas há danos, os estragos podem ser irreversíveis. Dessa forma, o MTur (2010, p. 24) considera primordial a “(...) realização de ações de planejamento e de infraestrutura que possibilitem o desenvolvimento do turismo, sem que haja prejuízos ao patrimônio arqueológico utilizado como atrativo turístico”.

1.2.4.2 Turismo Gastronômico

É um segmento capaz de proporcionar a experimentação e vivência da cultura por meio da culinária típica (MTur, 2010, p. 25). O Ministério do Turismo (2010, p. 25) utiliza a definição de Gândara, que considera o turismo gastronômico como “uma vertente do Turismo Cultural no qual o deslocamento de visitantes se dá por motivos vinculados às práticas gastronômicas de uma determinada localidade”. As atividades inseridas nesse segmento são a participação em eventos de gastronomia típica e a visita a roteiros, rotas e circuitos gastronômicos. Além, é claro, das opções de bares, restaurantes e similares que complementam a oferta turística.

O Ministério do Turismo (MTur, 2010, p. 26), traz a reflexão de Gândara (2009):

a identidade gastronômica, enquanto elemento de identidade da cultura de um povo, pode ser trabalhada como um atrativo turístico ao proporcionar para o turista o conhecimento da identidade cultural de determinada comunidade. E na perspectiva da economia da experiência, pode ser possível aproveitá-la como uma oportunidade para o desenvolvimento de destinos e produtos turísticos, ao ser capaz de valorizar suas características culturais e de atender a uma demanda específica em crescimento valorizando, com isso, a sua oferta turística.

É fato que a gastronomia é um segmento em ascensão, e o interesse do turista cultural pela culinária típica aumenta cada dia mais. “As pessoas buscam novos conhecimentos, querem experimentar novos sabores, vivenciar outras culturas e a gastronomia pode ser o motivo principal, ou o inicial, para se conhecer determinado local.” (Furtado, 2004).

2 FORMOSA

2.1 Histórico e Caracterização da Cidade

Diferentemente da maioria das cidades do território brasileiro no período colonial, a região de Formosa não teve seu desenvolvimento diretamente ligado à mineração. Talvez por isso, a história de seu surgimento seja tão confusa e misteriosa. “Na verdade, a relação entre o

ciclo da mineração na região do Planalto Central e Couros esteve ligada ao caminho para a Bahia e Rio de Janeiro, principalmente no transporte dos metais para os portos dessas cidades.” (Steinberger e Queiroz, 2007: 13). Os autores afirmam, ainda, que o núcleo, antes de ser Arraial dos Couros, era rota para os moradores do norte de Goiás que iam em direção ao Sudeste do país. O Governo Português então, criou o registro da Lagoa Feia que levou esse nome devido a sua localização, na cabeceira de uma lagoa de formação natural chamada Lagoa Feia. Segundo Chauvet, (2005, p. 120) os registros eram “pontos estratégicos estabelecidos pela Real Fazenda ou pelos contratadores das Entradas, onde os escravos, gados, cargas de secos e molhados e as pessoas que entravam e saíam dos povoados pagavam o respectivo imposto dos quintos reais”. O Registro começou a funcionar em 1736 e de acordo com Bertran (1994, p.78) tinha a função de controlar a picada da Bahia, caminho ilegalmente aberto que dava acesso às minas recém-descobertas de Pirenópolis/GO.

Quando o Registro foi instaurado, já havia criações de gados na região. A expansão da atividade pecuária se intensificou devido às sesmarias – “A sesmaria foi conceituada no Brasil como uma extensão de terra virgem cuja propriedade era doada a um sesmeiro, com a obrigação - raramente cumprida - de cultivá-la no prazo de cinco anos e de pagar o tributo devido à Coroa.” (Fausto, Boris – 1996). Bertran (1994, p. 89) considera que “desde a descoberta aurífera de Pirenópolis, em 1731, inaugurou-se a febre agropecuária do Planalto, nos contornos da picada da Bahia”. Gustavo Chauvet, em sua obra de 2005, afirmou que entre os anos de 1739 e 1804 mais de 20 pessoas receberam sesmarias em Formosa.

Um povoado se estabeleceu no encontro dos Rios Paranã e Itiquira, recebendo o nome de Arraial de Santo Antônio do Itiquira, provavelmente povoado pelos crioulos¹. De acordo com o *site* da prefeitura de Formosa/GO o Arraial de Santo Antônio do Itiquira tem a data de 1754 como mais antiga. É da extinção desse povoado que vem o indício mais forte do surgimento do Arraial dos Couros. Segundo Olympio Jacintho, cronista que morou em Formosa entre os anos de 1872 e 1938:

Os habitantes desse povoado, vendo-se dizimados, todos os anos, pelas febres intermitentes, transferiram-se para a localidade, onde se acha a cidade de Formosa, distante oito léguas dali, por ser salubre e porque nela se estacionavam os negociantes ambulantes de fazendas, ferragens, sal e café, que vinham sobretudo de Minas Gerais, e, receosos das febres do Paraná, ali

¹ : Jacintho (1979) afirma que é possível que fossem negros fugitivos e tivessem formado um quilombo.

esperavam que os paranistas viessem trazer-lhes gado, couros, sola e salite, para permutarem suas mercadorias. (Jacintho, 1979, p. 19)

Queiroz e Steinberger (2007, p. 15) afirmam que “o local destinado ao comércio era, também, onde os tropeiros que transitavam pelas picadas tiravam “pouso”, ou seja, descasavam das longas viagens”, referindo-se ao Arraial dos Couros. Não se conhece a data exata de sua fundação, mas estabeleceu-se o ano de 1749. Assim como também não se sabe ao certo a origem do nome. No *site* da prefeitura da cidade de Formosa (2013) encontra-se:

Alguns apontam que os moradores vendiam peles de animais selvagens, outros diziam que vendiam couro de vaca, alguns comentavam que as casas eram cobertas com couros, e outros diziam que eram os comerciantes/tropeiros que acampavam no Registro da Lagoa Feia e dormiam em barracas de couro.

Em 1843 Formosa foi elevada a Vila, trocando seu nome para Vila Formosa da Imperatriz. Recebeu o nome por conta de sua beleza e homenageando a Imperatriz Dona Teresa Cristina. Apenas em 1877 ganhou *status* de cidade, com nome de Formosa da Imperatriz e por fim, tornou-se conhecida apenas por Formosa.

A história de Formosa sempre envolveu acontecimentos memoráveis, políticos, culturais e econômicos.

De cunho político, pode-se mencionar o ofício escrito pelo Visconde de Porto Seguro no dia 28 de julho de 1877, ao Ministro da Agricultura, quando realizou uma viagem ao Planalto Central com o intuito de escolher um lugar para a transferência da capital do país. Indicou o triângulo formado pelas três lagoas como um dos melhores locais: a Lagoa Feia, em Formosa; a Lagoa Formosa em Planaltina de Goiás; e a Lagoa Bonita em Planaltina do Distrito Federal.

Quanto aos eventos culturais, em 1910 houve a criação do Grêmio Literário Desembargador Emílio Pova e a criação de um dos primeiros cinemas do Planalto Central em 1928, que exibia filmes na rua principal da cidade – Visconde de Porto Seguro – quinzenalmente. Um fato econômico importante foi a Exposição Agropecuária (EXPOAGRO) que teve seu início no ano de 1944, primordialmente com exposições de gados para venda, e hoje, conta com apresentações de artistas de renome nacional. Atrai muitas

pessoas do entorno da cidade e movimentam a economia local.

A cidade de Formosa encontra-se a 79 Km de distância de Brasília e atrai visitantes de diversas partes do país. De acordo com o *site* do IBGE a população estimada no ano de 2014 é de 110.388 habitantes. Ângela Silva (2009, p. 390) escreve que, de acordo com a Prefeitura da cidade, as principais atividades econômicas do município são: pecuária (criação de gado bovino, suíno, equino e mular), agricultura (cultivo de soja, arroz, milho, feijão, mandioca e produtos hortigranjeiros), indústria moveleira e olarias.

O Censo Agropecuário de 2006 mostra que a atividade agropecuária ocupa mais de 50% da área do município. Mas diante desse número, a geração de empregos é relativamente baixa, cerca de 6.434 pessoas ocupadas em estabelecimentos agropecuários. Na mesma fonte, os dados sobre o PIB do município de 2012 mostram que há uma participação muito maior da área de serviços do que da própria agropecuária. Ângela Silve (2009, p. 390) afirma que “esse quadro é típico de municípios cujas atividades estão predominantemente voltadas para o agronegócio que usam o território, mas deixam poucos benefícios à economia local”.

Além de apresentar problemas estruturais – rede de esgoto interminada, favelização – possui ainda uma grande dependência de Brasília. Formosa é considerada como “cidade dormitório”, devido aos altos preços das residências na capital. E como existe uma carência de empregos e de serviços públicos, a evasão para o Distrito Federal é grande. Diante desse quadro, uma boa alternativa seria a busca por outras atividades, como o Turismo.

2.2 Turismo em Formosa

Desde 1990, Formosa tem aberto suas portas para o turismo. Sua beleza natural é responsável pelo maior fluxo de turistas. Oferece opções de variadas cachoeiras e rios onde se pode praticar o rapel e tomar banho; trilhas, desde as mais fáceis às mais complexas; apreciação de pássaros e animais silvestres; e sítios arqueológicos. Formosa também é palco de diversos campeonatos de esportes como, por exemplo, o vôo livre e em planadores. Além desses, há também atrativos culturais únicos: seu casario e um museu com acervo de objetos, livros e mobiliário.

Suas festividades típicas, como a Exposição Agropecuária, atraem um grande público tanto formosense quanto do entorno. Sua primeira edição foi em 1950, mas começou a fazer sucesso em 1968. No início eram apenas para compra e venda de gados e maquinários rurais,

hoje, com a presença de shows, atrai também o público mais jovem. Além da festa do Divino Espírito Santo que é coordenada pelo folião (que é responsável pelas folias nas ruas) e o imperador (responsável pela espiritualidade da novena). De acordo com o Portal do Divino Espírito Santo, a festa teve sua origem em 1838 e a cada ano tem atraído mais pessoas. Calcula-se em 2003 a presença de 35.000 pessoas. A Festa da Moagem e a Festa da Farinha também se tornaram tradição em Formosa. Mostram a moagem da cana no engenho tocado por bois e o processo da farinha. Promove a cultura local e o contato com os meios de produção artesanal. A área rural também oferece muito aos turistas, desde restaurantes com comida típica caseira e feita em fogão a lenha a hotéis e pousadas que remetem à vida no campo.

Ângela Meneses de Souza Silva (2009) realizou entrevistas com os turistas da cidade de Formosa no ano de 1998 e 2008, com o intuito de conhecer sua opinião em relação à situação dos atrativos. Enumerou os seguintes atrativos a serem avaliados: Lagoa Feia, Salto de Itiquira, Fazenda Indaiá, Gruta das Andorinhas, Rio Lajedo, Buraco das Araras, Rio Bandeirinha e Vale do Paranã.

O perfil do visitante de 1998 enquadrava-se predominantemente na faixa etária de 41 e 50 anos, casados, com filhos, servidores públicos. Eram residentes do Distrito Federal, utilizavam automóvel particular para chegar e costumavam passar apenas um dia na cidade. Visitavam a Lagoa Feia e o Salto do Itiquira e ficavam sabendo do turismo em Formosa por meio de amigos e familiares. Já os mais jovens entrevistados preferiam a prática de esportes radicais, optando pelas grutas e a Fazenda do Indaiá. O perfil mostrava que Formosa tinha capacidade para atender um público muito diversificado, mas os turistas ainda permaneciam pouco tempo e não havia muita alternância na escolha, restringindo-se sempre aos mesmos atrativos. Os turistas enfatizaram as condições precárias em que a Lagoa Feia se encontrava, principalmente em relação à sujeira e quantidade de lixo espalhados e a aspecto de abandono. Depois de os turistas falarem sobre os problemas que encontraram, foi-lhes pedido que propusessem soluções para saná-los. Surgiram as seguintes sugestões:

organizar *bureau* de informações; ampliar as áreas de *camping*; expandir a rede hoteleira; tornar mais acessíveis os preços dos hotéis; melhorar as condições de transporte da cidade para os atrativos; implantar um projeto de sinalização, com placas indicativas dos pontos turísticos; e abrir restaurantes com mais qualidade. (SILVA, 2009, p. 395).

“A infra-estrutura turística do município é muito rudimentar. Necessita de um melhor aproveitamento do potencial turístico” (Silva, 2009, p. 395) foi a frase que sintetizou a opinião dos visitantes entrevistados em 1998. No ano de 2008, foram realizadas entrevistas bem parecidas. Os visitantes eram, em sua maioria, residentes de Brasília e Goiânia. Os de Brasília, devido à proximidade, retornavam no mesmo dia; os de Goiânia permaneciam na cidade, em média, três dias, durante finais de semana e feriados. Os turistas declararam que tiveram acesso a informação sobre os atrativos por meio de amigos, familiares e moradores da cidade. Quanto às reclamações, em relação à pesquisa de 1998, não houve grandes mudanças. Permaneceu a crítica quanto a infraestrutura precária de alguns lugares e a falta de informações. O que foi diferente, dessa vez, é que não houve mais críticas em relação à Lagoa Feia e ao Itiquira. O que se percebe em 2008 é uma procura por atrativos diferenciados; o aumento da estadia dos visitantes e maior envolvimento da comunidade.

3. METODOLOGIA

Oliveira (2000, p. 68), considera o método científico como sendo “a definição das técnicas e caminhos a serem percorridos por uma pesquisa. São os recursos e procedimentos a serem utilizados pelo pesquisador na busca de solução para o problema”.

Serão expostos, a seguir, os métodos que foram utilizados na construção do trabalho, por meio dos tipos de pesquisa, os instrumentos de coleta de informações, os métodos de análise e por fim as limitações do estudo.

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa é exploratória e de caráter qualitativo. Exploratória pois, com entrevistas e busca documental e bibliográfica, constrói-se um cenário. Para Gil (2008,p. 27) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias”. Afirma também que a pesquisa exploratória costuma envolver o “levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso”. A pesquisa qualitativa se preocupa com o processo além do resultado. Oliveira (2008) diz que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento. (Oliveira, 2008,p. 59).

3.2 Instrumentos de coleta de informações

Lakatos (2003) separa as técnicas de pesquisa como documentação indireta e direta. Afirma que “é a fase da pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse” (Lakatos, 2003, p. 174). A documentação indireta é basicamente o acesso a documentos, arquivos, fontes estatísticas e a pesquisa bibliográfica. A documentação direta é o levantamento de dados onde o fenômeno ocorre, por meio de pesquisa de campo. Para a construção desse trabalho, foram utilizados os dois tipos de documentação.

As informações indiretas foram coletadas de artigos, livros, fontes estatísticas, sítios eletrônicos, assim como de documentos como fotografias e documentos da Secretaria Municipal de Turismo, revistas e guias. Gil (2008, p. 79) discorre sobre a importância da consulta de material publicado. Primeiro porque dará base teórica à pesquisa, e segundo, porque possibilita identificar o estágio de conhecimento em que o tema se encontra (GIL, 2008, p. 69).

Para a coleta direta de informações, foram feitas visitas em loco e entrevistas semi estruturadas pessoais e por telefone. Selltiz *et al* (1967) afirma sobre os benefícios da entrevista:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (Selltiz *et al.*,1967, p. 273).

As entrevistas realizadas não foram rígidas, houve toda liberdade para que o entrevistado pudesse falar, mas sempre dentro do mesmo tema. Gil (2008) denomina este tipo de entrevista como focalizada. E diz que “O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua

retomada.” (Gil, 2008, p. 131). Outra variação de entrevista menos rígida é a semi-estruturada, que Pádua (2007) conceitua como:

[...] o pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite e até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal (PÁDUA, 2002, p. 67).

3.3 Método de Análise

O tratamento das informações se deu por meio das descrições de cada local. Depois de coletadas as informações por meio de sítios eletrônicos oficiais e posteriormente entrevistas em loco, e por telefone, foi criado um documento com descrições de cada atrativo e equipamento turístico. Os atrativos naturais obrigatoriamente deveriam ter, além da descrição, a via de acesso e a distância da cidade. Para os equipamentos constam o endereço, o horário de funcionamento, o telefone e sitio eletrônico ou página no *facebook*, se existentes. Alguns estabelecimentos forneceram formas de pagamentos, endereços de *email* e algumas outras informações adicionais, mas o Guia foi formatado para que houvesse um padrão de informações.

3.4 Limitações da Pesquisa

Quanto às limitações da pesquisa, registra-se, principalmente, a falta de acesso às informações da Secretaria Municipal de Turismo. Existe uma certa falta de organização nesse quesito e quando questionado a respeito do Plano Municipal de Turismo, os funcionários desconheciam do que se tratava. Pode-se citar também, a impossibilidade de visitação de todos os atrativos e equipamentos da cidade, por limitação de tempo e recursos.

4. RESULTADOS OBTIDOS

4.1 Guia Turístico

A ideia de fazer um Guia surgiu, em primeira instância, da falta de um guia completo da cidade de Formosa. Um inventário que conseguisse abranger todos, ou uma boa parte, dos

atrativos e equipamentos turísticos. O município hoje encontra-se em uma situação de precariedade no que tange à promoção do turismo. Existem sim, folhetos, mini-guias e informações no *site* oficial da prefeitura, mas o material ainda é escasso e alguns dados estão obsoletos.

Como natural formosense, sempre acreditei no potencial turístico que a cidade tem. Formosa é cede de uma grande variedade de atrativos naturais, como cachoeiras, grutas, cavernas, rios subterrâneos, sítios arqueológicos, lagoas e vários outros. Alguns deles estão num estado de conservação bom, outros deixam a desejar. É considerada também, berço das águas, pois abriga nascentes de três bacias hidrográficas: São Francisco, Prata e Amazonas. A cidade tem também diversas opções de lugares para comer e beber. Hoje conta, ainda, com uma estrutura hoteleira que pode hospedar os visitantes com qualidade e conforto.

O Guia em questão não abarca todos os atrativos, restaurante e hotéis que a cidade tem a oferecer. Mas os principais estão contemplados. Está dividido em três partes: O Que Fazer, Onde Comer e Onde Ficar. Além destas, há breves introdução e histórico. Buscou-se, ainda, registrar informações consideradas importantes, como telefones úteis, feriados municipais, festas típicas, distância de algumas cidades, como chegar de carro ou de ônibus e clima). Por fim, anexou-se um mapa da cidade.

4.1.1 O Que Fazer

Na primeira parte do Guia estão listados os atrativos naturais e culturais que a cidade tem a oferecer. Os atrativos naturais presentes no Guia são: Salto do Itiquira, Cachoeiras do Indaiá, Cachoeira Água Fria, Recanto das Cachoeiras, Cachoeira do Bisnau, Sítio Arqueológico do Bisnau, Sítio Arqueológico Toca da Onça, Lagoa Feia, Rampa de Vôo Livre, Buraco das Araras e Buraco das Andorinhas. Como atrativos culturais estão listados o Museu Couros, a Catedral Imaculada Conceição e o Patrimônio Histórico (edificações e casario). Todos eles possuem descrição, a distância que se encontram da cidade de Formosa e a via de acesso. Em alguns dos atrativos constam os dias e horários disponíveis para visitação.

A Prefeitura de Formosa (2010) criou três rotas turísticas, os chamados Caminhos Turísticos: Caminho do Itiquira, Caminho do Bisnau e Caminho Colonial. Estão registrados primordialmente por proximidade e agrupamento territorial. O Caminho do Itiquira passa pelo Sítio Arqueológico Toca da Onça, o Salto do Itiquira e as cachoeiras do Indaiá. O Caminho

do Bisnau contempla o Buraco das Araras, a Cachoeira do Bisnau, o Sítio Arqueológico do Bisnau, a Gruta das Andorinhas e o Hotel Fazenda Araras. O Caminho da Formosa Colonial, se concentra no centro da cidade, com exceção da Lagoa. Fazem parte do caminho: a Igreja Matriz (Nossa Senhora Imaculada Conceição), a Mata da Bica, o Museu Couros, os Restaurantes e a Lagoa Feia.

4.1.2 Onde Comer

Formosa possui grande variedade de lugares em que se pode comer e beber. Há opções de bares, restaurantes de diversas culinárias, sorveterias, gelateria, cafeterias, pamonharias e chocolaterias. No Guia estão listados 20 estabelecimentos. São três restaurantes que ficam no caminho para o Itiquira: Dom Fernando, Serra Negra e Arapuka. Um restaurante que fica em frente à portaria de entrada do Parque onde se localiza o Salto, chamado Restaurante Itiquira. Três restaurantes na orla da Lagoa Feia: Monjolo, Deck 90 e São Guido. Os outros 13 estabelecimentos se encontram no centro da cidade. São duas cafeterias: Bistrô Café e Pão de Mel – que também é chocolateria e loja de presentes. Uma gelateria, chamada Delícia Gelateria. Dois restaurantes de gastronomia oriental: Miti Sushi e Saint Petter. Dois restaurantes especializados em alimentação saudável: Comer Leve e Delícias Caseiras. Um restaurante de culinária internacional variada, Mediterranium. Dois bares: Vandus Bar e Bar do Valdemar. Um restaurante que promove eventos: Barbauêh. Dois restaurantes mais tradicionais: Panela de Ferro e Casarão.

4.1.3 Onde Ficar

Nesta parte estão listados 13 dos hotéis e pousadas presentes no município. Três alocados na área rural: Estância Águas do Itiquira, Crixás Hotel Fazenda e Hotel Fazenda Araras. Os outros dez estão na área urbana: Sofisticatto Park Hotel, ABC Palace Hotel, Hotel Rio Preto, Hotel Serrador, Hotel Imperatriz, Hotel Planalto, Beto's Hotel, Hotel Fama, Hotel Mineiro e Hotel São Francisco.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Formosa tem um rico patrimônio natural e cultural, que vem sendo explorado e divulgado no entorno. Contudo, pode-se perceber que não há uma parceria efetiva entre os proprietários de estabelecimentos e atrativos com a iniciativa pública. Ainda não existe um Guia que abarque os atrativos e equipamentos da cidade. A impressão que se tem é que “cada um rema para um lado”, e não há uma junção de forças em prol da melhoria da cidade por meio do fomento do turismo, ocasionando numa divulgação ainda muito fraca, às vezes obsoleta e escassa. Predomina, assim, o *boca a boca*.

Durante o levantamento dos atrativos e equipamentos, deparou-se com quantidade e variedade de opções. Os atrativos agradam desde os mais aventureiros aos mais acomodados. Sempre que se mostrava o piloto do Guia, todos se impressionavam com a quantidade e variedade das opções. Pessoas alegavam que desconheciam que Formosa possui isso tudo. Esta atitude só evidencia que não existe uma divulgação eficaz do destino Formosa.

Formosa, se devidamente estruturada e manejada, pode ser um destino desenvolvido. E que seja de forma sustentável. O município tem vocação para o turismo na natureza, mas possui algumas outras características que podem ser exploradas: o Turismo Cultural (nas modalidades Turismo Gastronômico e Arqueológico), Ecoturismo, Turismo Rural e Turismo de Aventura. O espaço já apresenta características favoráveis ao desenvolvimento desses segmentos. É preciso, porém, que ocorra estruturação e planejamento para que não sejam provocados impactos negativos ao meio ambiente e à comunidade local.

Esta pesquisadora, como moradora da cidade de Formosa, percebe uma certa dependência da Capital federal. Mas ainda mais que isso, uma desvalorização do que é local. Serviços, produtos e o próprio turismo são pouco valorizados pelos moradores. A preferência e referência de qualidade sempre é o que vem de fora, principalmente de Brasília. Necessita-se que haja aumento da auto estima da população local; que os habitantes de Formosa sintam a sensação de pertencimento. O turismo pode proporcionar o enaltecimento e valorização da cidade. Cidade esta, que promove manifestações culturais locais e típicas e é dona de um patrimônio natural e cultural único e muito importante.

O Guia Turístico é uma ferramenta que tem capacidade de impulsionar o turismo local. Nas visitas e entrevistas realizadas, os proprietários alegaram que existe falta de incentivo e divulgação do turismo de e em Formosa. Este, como o primeiro Guia exclusivo de Formosa e que fornece informações dos atrativos e equipamentos turísticos, pode voltar os olhares para o município e melhorar a qualidade de vida da comunidade.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente. **Turismo – fundamentos e dimensões**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

BORGES, Ana Beatriz de Azevedo. **A acessibilidade como fator de incremento do turismo na cidade de Formosa-GO**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/995/1/2009_AnaBeatrizAzevedoBorges.pdf> Acesso em: 10/06/2015

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13ª Ed. Rev. E atual. Campinas. Papyrus. São Paulo, 2003.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 7. Ed. São Paulo: SENAC, 2002.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central: eco-história do distrito federal: do indígena ao colonizador**. Brasília: Solo, 1994.

CAMPOS, Angelo Mariano Nunes. **O Ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável**. 2005. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/eco-desenvsust.html>> Acesso em: 20/06/2015

CARVALHO, Vininha F. **O Ecoturismo exige ética na sua comercialização**. 2004. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/ecomercializacao.html>> Acesso em: 19/06/2015

CHAUVET, Gustavo Guilherme Leon. **Brasília e Formosa: 4500 anos de história**. Goiânia: Kelps, 2005.

FURTADO, FábioLuiz. **A Gastronomia como Produto Turístico**. 2004. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/gastronomia.html> Acesso em: 20/06/2015

GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Cristiane do N. **Turismo de Aventura: A experiência do município de Paulo Afonso – BA**. 2005. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/turismoaventura.html>> Acesso em: 20/06/2015

IBGE. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520800&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>> Acesso em 24/06/15

IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2012**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=520800&idtema=134&search=goias|formosa|produto-interno-bruto-dos-municipios-2012>> Acesso em 24/06/15

IBGE. **Senso Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=520800&idtema=3&search=goias|formosa|censo-agropecuario-2006>> Acesso em 24/06/15

LAGE, Beatriz Helena Gelas e MILONE, Paulo Cesar. **Impactos socioeconômicos do turismo in** Revista de Administração, São Paulo. V.33. 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003)

LOHMANN, Guilherme. **Teoria do Turismo: Conceitos Modelos e Sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008

_____. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: Orientações básicas**. 3. ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/43-cadernos-e-manuais-de-segmentacao.html>

_____. Ministério do Turismo. **Marcos Conceituais**, 2006. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/43-cadernos-e-manuais-de-segmentacao.html>

OLIVEIRA, Cíntia de Faro Meio e MAGALHÃES, Maria Dóris Cipriani. **Festa do Divino Espírito Santo**. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/Artigos/artigo95.htm>

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2ed – São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Elvis Araújo de. **Parque Municipal do Itiquira, uma análise sob a óptica da Consultoria em Turismo**. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OMT. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PÁDUA, Elisabete MatalloMarchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

Prefeitura Formosa Goiás. **Plano Municipal de Turismo: Formosa – Goiás**. 2010.

QUEIROZ, Eduardo Pessoa de e STEINBERGER, Marília. **A formação histórica da região do Distrito Federal e entorno: os três municípios gênese**. Belém - Pará, 2007.

RIBEIRO, M. L. **Novas formas de ocupação do meio rural e natural no município de Caçapava - SP: o caso do entorno do núcleo de Guamirim (Piedade)**. 2001. Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos, 2001.

SABBAG, Omar Jorge. SILVA, Jerson Joaquim da. SVY, Jurandir. **Turismo Rural e Motivação**. Revista Científica Eletrônica Turismo. Ano 1 edição 2. Presidente Prudente. Dezembro, 2004.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1972.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **Turismo e Arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

STEINBERGER, Marília; SILVA, Ângela Meneses de Sousa e. **A Região Turística de Brasília: Uma Proposta para discussão**. In: STEINBERGER, Marília(org). Territórios Turísticos no Brasil Central. 1. ed. Brasília: L.G.E, 2009.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Básico**. 4ª edição, São Paulo: SENAC, 2001.

URRY, John. **O olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedade contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VALLS, Josep Francesc. **Las claves del mercado turístico**. Como competir em el nuevo entorno. Bilbao: Deusto, 1996.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 133-155.